

A RELAÇÃO ENTRE PÓS-MODERNIDADE E RELIGIÃO SEGUNDO GIANNI VATTIMO

The relationship between postmodernity and religion on Gianni Vattimo

Marco César de Sousa Melo¹

Resumo: Este trabalho apresenta algumas considerações do pensador italiano Gianni Vattimo acerca da religião na idade contemporânea. O referido filósofo tem como base de suas reflexões a ideia de uma filosofia pós-moderna que se caracteriza pela desconstrução da metafísica da tradição moderna. Nesse sentido, o autor visualiza nas filosofias de Nietzsche e Heidegger a inauguração de uma nova orientação do pensamento ocidental, marcada por esse rompimento com as filosofias totalizantes e pela consideração do ser como resultado das circunstâncias eventuais que compõem a experiência existencial. A religião, por sua vez, não acompanhou tal movimento, mas conservou um pensamento marcado ainda pela estrutura da metafísica tradicional, por isso, não se encontra em condições de responder às atuais demandas deste mundo plural. O autor sinaliza para a necessidade da abdicação das estruturas dogmáticas e dos fundamentalismos da religião como meio para a abertura ao diálogo inter-religioso e intercultural.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Secularização; Religião.

Abstract: This paper presents some considerations of the Italian thinker Gianni Vattimo about religion in the contemporary age. The referred philosopher based his reflections in the idea of a postmodern philosophy that is characterized by deconstruction of the metaphysics of the modern tradition. In this sense, the author sees in the philosophies of Nietzsche and Heidegger the inauguration of a new orientation of Western thought, marked by this break with the totalitarian philosophies and the consideration of being as a result of circumstances that compose the existential experience. The Religion, in turn, did not follow such a movement, but kept a thought still marked by the structure of traditional metaphysics, therefore, not is in position to respond to the current demands of this plural world. The author raises the question about the need of the abdication of the dogmatic structures and of the religious fundamentalism like a means to open dialogue interreligious and intercultural.

Keywords: Postmodernity; Secularization, Religion.

A emergência do pensamento pós-moderno

O pensador italiano Gianni Vattimo desenvolve em sua filosofia uma tematização do fenômeno religioso na contemporaneidade. Para Vattimo, as transformações que ocorreram no campo do pensamento filosófico desde a modernidade até os dias atuais têm implicações decisivas para a religião, por isso, como pressuposto da discussão é imprescindível a compreensão do atual quadro da filosofia, sobretudo no que se refere à distinção entre modernidade e pós-modernidade. A visão do mapa filosófico contemporâneo vem, então, embasar essa reflexão sobre o fenômeno religioso hodierno.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UECE.

Em filosofia a modernidade representou o movimento de mudança do paradigma teocêntrico para o antropocêntrico, isto é, a grande marca da modernidade foi justamente o rompimento com a orientação segundo a qual todo o pensamento e ação tinham como fundamento o divino. Essa concepção deu lugar a um novo projeto que confere maior dignidade ao ser humano no sentido da exploração de suas capacidades epistemológicas para o alcance da verdade. Sendo o homem capaz de conhecer e deliberar sobre sua prática, independente de um ser superior, o pensamento da tradição medieval perdeu força dando lugar à inauguração da era da razão.

A racionalidade passou a figurar, na idade moderna, como o elemento que dá sentido a toda a existência. Decorrente disso foi o desenvolvimento da ciência moderna, a reflexão política sobre a construção de estados democráticos, como objetivou a revolução francesa, o uso técnico do conhecimento para a exploração dos recursos naturais e a melhoria das condições existenciais e a crença de que o homem pode encontrar a verdade por suas próprias forças. Não obstante todas as mudanças ocorridas na modernidade com relação ao pensamento da idade média, a filosofia moderna conservou uma característica marcante, própria da tradição, que é justamente o aspecto da fundamentação última.

A razão substituiu o Deus da tradição medieval, ocupando o posto de fundamento último de todas as coisas. Daí a construção dos grandes sistemas filosóficos modernos, sobretudo no período do *idealismo alemão*, dos quais a filosofia de Hegel foi o expoente. A principal característica que se apresenta na ideia de fundamentação, para Vattimo, é a sua estrutura inflexível, isto é, nesta perspectiva de pensamento tudo é compreendido a partir de uma base fixa de conceitos. Desse modo, podemos dizer que o objetivo do sistema filosófico é a homogeneização da totalidade mediante a construção de uma explicação geral, ou seja, uma espécie de teoria do todo embasada em um princípio universal originário. Mas o fim da modernidade é marcado pela crítica a este paradigma de pensamento.

O movimento filosófico pós-moderno pode ser entendido como um rompimento com o modelo tradicional da filosofia. O principal motivo desse rompimento é a constatação da insuficiência das teorias tradicionais por não cumprirem o seu ideal de explicação da totalidade, uma vez que a experiência demonstra o aparecimento de elementos particulares que não se encaixam no conjunto pré-dado de significação, desestabilizando, assim, o sistema elaborado². Outro fator é a complexificação, subdivisão e especificação dos saberes em diversos campos, que também coloca em questão a possibilidade de uma ciência que açambarque o todo de conhecimento. Tais elementos quebram a lógica do sistema filosófico e colocam em dificuldade a coerência e a sustentação da filosofia do fundamento como um todo. Com isso, assistimos o fim da modernidade como o fim da filosofia que tinha como tarefa a fundamentação e a explicação da realidade a partir de uma razão forte. Por conseguinte, a filosofia contemporânea nascente apresenta como marca principal a desconstrução dessa razão forte da modernidade.

Vattimo destaca as reflexões de Nietzsche e Heidegger como centrais para a construção de sua crítica ao pensamento moderno. As filosofias dos referidos autores se destacam, sobretudo, pela negação da fundamentação última e pelo questionamento do conceito tradicional de verdade. Na afirmação nietzschiana da “morte de Deus”, Vattimo identifica o anúncio do fim da razão forte, ou seja, da filosofia que intenta fundamentar a realidade num princípio metafísico. Em Nietzsche, é possível reconhecer um rompimento com essa concepção e o surgimento de outra postura filosófica marcada pelo niilismo e, conseqüentemente, pelo ceticismo. Para Nietzsche a busca da essência primeira de todas as

² Nietzsche leva ao extremo essa crítica à filosofia que lhe foi anterior através da desconstrução das bases fundamentais da metafísica tradicional como os conceitos de ser, unidade, finalidade e verdade. Sobre isso ver: NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

coisas não passa de uma tarefa vã e, com isso, a verdade, tradicionalmente entendida como saber objetivo, também é algo que escapa a todo esforço epistemológico. Nesse último aspecto, Vattimo destaca outra afirmação nietzschiiana que exprime a ideia de modo claro, a saber, a afirmação de que não existem fatos, mas somente interpretações e que esta tese também se enquadra como interpretação³. Assim, para o pensador italiano a filosofia contemporânea inaugura um novo posicionamento filosófico cuja marca primordial é o enfraquecimento das estruturas fortes que orientavam o modelo filosófico da modernidade.

Essa tendência à despotencialização da razão Vattimo aponta como uma das marcas principais do pensamento atual, a qual ele denomina como *pensiero debole* (pensamento fraco), isto é, uma racionalidade que se dá conta de sua limitação e, despretensiosa, substitui a busca da verdade eterna pela compreensão a partir do eventual, do contingente e do temporário, que agora aparecem como categorias principais no entendimento da realidade.

Também em Heidegger, Vattimo enxerga essa contraposição à filosofia tradicional, principalmente nos textos sobre o fim da metafísica e em *Ser e Tempo*. E nesse sentido, para Vattimo, em *Ser e Tempo* é possível destacar quatro ideias principais⁴, a saber: a) o conhecimento é sempre interpretação, isto é, no processo do conhecimento aparece como decisivo o fator da subjetividade na determinação dos objetos, o que faz concluir a refutação da ideia de entendimento apenas como receptáculo; b) todo fato expresso pela linguagem é também interpretação, uma vez que não escapa à mediação da subjetividade humana o fato descrito é o fato como o homem o vê; c) a interpretação exercida pelo sujeito será sempre situada historicamente, ou seja, significa que as contingências que circundam o indivíduo atuam na sua maneira de ver e de interpretar a realidade; d) considerando a ideia anterior é possível constatar que toda interpretação será sempre uma resposta à situação particular na qual os sujeitos estão inseridos. Essas ideias reforçam a leitura de Vattimo de que a pós-modernidade é a era do abandono da concepção de verdade como algo fixo.

Com isso, evidencia-se, segundo o pensador italiano, o caráter da filosofia contemporânea, que descomprometida com a busca do fundamento e das verdades fixas, elege agora a interpretação como paradigma fundamental. Essa perspectiva sugere que se entenda o ser não mais como algo fixo e sim como eventual. Nessa perspectiva, a filosofia mantém sua função essencial, que é a busca pelo ser, mas, agora, este ser “é caracterizado intensamente em termos históricos” (VATTIMO, 2006, p. 64). Assim, o exercício da filosofia constitui-se de uma hermenêutica da facticidade, entendida no sentido da interpretação, que desvela o ser ao considerar as diversas características que o compõem como evento.

O pensamento pós-moderno e a filosofia

Em *A idade da Interpretação*⁵ Gianni Vattimo apresenta a sua concepção de hermenêutica como paradigma da filosofia pós-moderna. Essa concepção possui uma característica muito particular, que se revela no rompimento com a busca pela condição universal e necessária das coisas. Para nosso autor, a hermenêutica “não pode se sustentar com base em uma descrição de como, segundo ela, seria o real estado das coisas” (VATTIMO, 2006, p. 63) se quiser ser uma superação do pensamento tradicional. Nesse

³ Sobre isso ver: RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: solidariedade, caridade, ironia*. Organização Santiago Zabala. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 63.

⁴ Idem, p. 64-65.

⁵ VATTIMO, Gianni. *A idade da interpretação*. In: RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: solidariedade, caridade, ironia*. Organização Santiago Zabala. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

sentido, é preciso deixar de lado toda a pretensão de verdade absoluta e aderir ao paradigma da interpretação do eventual. Assim, a hermenêutica como interpretação é que deve constituir o método da filosofia, pois se adequa à dinâmica do pensamento contemporâneo, que, como mencionado anteriormente, é marcado pela desconstrução das teorias tradicionais.

Se assim os fatos revelam que não são mais que interpretações, por outro lado a interpretação se apresenta, ela mesma, como o fato: a hermenêutica não é uma filosofia, mas a enunciação da própria existência histórica na época do fim da metafísica. A verdade do pensamento heideggeriano identifica-se com a sua capacidade, maior que em outras filosofias, de co-responder (sic) à época, de deixar falar o evento, aquele mesmo que Nietzsche nomeou como niilismo e que para Heidegger é o fim da metafísica. (VATTIMO, 2006, p. 65).

Desse modo, podemos compreender que esse novo posicionamento se origina, sobretudo, com base nas próprias circunstâncias que caracterizam a era pós-moderna. Ao conceituar a pós-modernidade Vattimo explica que além do rompimento com o discurso de fundamentação da metafísica existem outros fatores que marcam essa nova era da filosofia. Associada ao fim da filosofia totalizante, do fundamento último, encontramos a quebra da ideia de teleologia da história, isto é, de um progresso rumo a um estado superior no qual se dá a condição mais plena da humanidade. Isso se deve, sobretudo, à constatação da existência de diferentes histórias paralelas de acordo com os diversos povos e culturas, o que invalida a noção de uma orientação única da história, bem como, a ideia de um percurso universal. Consequência disso foi, segundo Vattimo, a perda da ideia de eurocentrismo, uma vez que “o ideal europeu de humanidade revelou-se como um ideal entre outros, não necessariamente pior, mas que não pode, sem violência, pretender valer como verdadeira essência do homem” (VATTIMO, 1992, p. 10). Outro fator decisivo na constituição do pensamento pós-moderno é a difusão da informação mediante os instrumentos midiáticos. Por meio deles se encurta as distâncias e se derruba as barreiras que antes impediam o contato entre culturas distintas, à troca de experiências e ao intercâmbio de saberes que dificultam cada vez mais a possibilidade de um pensamento único, daí o porquê de Vattimo afirmar que os *mass media* “foram determinantes no processo de dissolução dos pontos de vista centrais” (VATTIMO, 1992, p. 11).

Assim, percebemos que a filosofia pós-moderna se traduz, para Vattimo, em uma hermenêutica cujo objetivo é, em primeiro lugar, a interpretação dos contextos dados, isto é, de cada círculo de vivência humana com todas as suas particularidades historicamente situadas, e, em segundo lugar, é a construção de sentidos que devem resultar do próprio horizonte de significação dos diferentes contextos.

Nessa perspectiva é inevitável reconhecer que uma das principais mudanças decorrentes desse novo panorama filosófico ocorre na concepção de verdade. Sendo a filosofia um exercício de leitura e interpretação das situações nas quais os indivíduos estão inseridos, a verdade deixa de ser necessariamente algo fixo, imutável, universal e aparece como produto das relações entre as diferentes experiências.

Nosso autor explica que as filosofias de Richard Rorty e Jürgen Habermas, dentre outras, são exemplos desta concepção segundo a qual “não existe experiência da verdade senão como experiência de participação em uma comunidade” (VATTIMO, 2006, p. 71). A verdade, na experiência da civilização pós-metafísica, aparece como o resultado do consenso entre os sujeitos participantes de uma comunidade, e nesse aspecto é decisivo o fator da linguagem. Isso revela um caráter cultural da verdade, já que resultante do próprio domínio de contingências que circundam uma dada comunidade, uma vez que se

perdeu a ideia de verdade como aquilo que está para além das particularidades que compõem os diferentes contextos.

Como no caso da hermenêutica de Gadamer, a verdade acontece como construção sempre em curso de comunidades que coincidem em uma “fusão de horizontes” (*horizontverschmelzung*), que não possui nenhum insuperável limite “objetivo” (como aquele da raça, da língua, das pertinências “naturais”). O que parece cada vez mais óbvio no pensamento pós-metafísico contemporâneo é que o verdadeiro não é, sobretudo, correspondência da proposição com a coisa. Mesmo quando falamos de correspondência, pretendemos aludir a proposições verificadas no âmbito de paradigmas cuja verdade consiste antes de tudo no fato de serem compartilhados por uma comunidade. (VATTIMO, 2006, p. 72).

Outro pensador destacado por Vattimo na discussão sobre o conceito de pós-modernidade é J. F. Lyotard,⁶ que apresenta a ideia do fim das metanarrativas e a emergência dos diferentes discursos para exemplificar esse abandono de uma concepção unitária da verdade. Mas nosso autor sinaliza que Lyotard conserva, ainda, elementos constituintes da concepção de verdade objetiva, porque considera os *pequenos relatos* ou discursos particulares como retratos da condição autêntica e universal dos objetos. Assim, para o filósofo italiano não existe uma verdade em sentido objetivo, mas ela é sempre resultante da experiência situacional dos sujeitos na construção e reconstrução contínua de significados.

[...] o que não devemos esquecer no ensinamento heideggeriano, e que Lyotard, ao contrário, negligencia, é que o fim da metanarrativa não é o despertar de um estado de coisas “verdadeiro”, no qual as metanarrativas não “existem mais”; é, pelo contrário, um processo no qual precisamos, na medida em que estamos mergulhados nele e não olhando do exterior, colher um fio condutor que servirá para projetar seus ulteriores desenvolvimentos: para estarmos dentro dele, ou seja, como intérpretes e não como registradores objetivos de fatos. (VATTIMO, 2006, p.66).

Para Vattimo, todo o processo de passagem da modernidade para a pós-modernidade, que é marcado pelo enfraquecimento das estruturas fortes da metafísica tradicional, compreende um movimento de *secularização* do pensamento. Nosso autor entende a secularização como o evento marcante da sociedade ocidental contemporânea, que pode ser identificado não somente no campo do pensamento e da teoria, com o fim das filosofias totalizantes, mas, também, na própria dimensão da vida prática do ser humano, na sua interação com os outros sujeitos, na mudança de costumes, no rompimento com comportamentos rígidos e na própria organização e estruturação das instituições. Todo esse processo de secularização é reforçado continuamente pela

⁶ Para Lyotard, o conteúdo do pensamento moderno é constituído pelo que ele chama de *metanarrativas*, que são os grandes discursos filosóficos de explicação da totalidade. Essas metanarrativas ou metarrelatos cumprem uma função de legitimação das concepções, dos valores, das instituições e dos poderes estabelecidos. O fim da filosofia moderna é marcado, para Lyotard, pelo fim dessa forma de filosofia e pela disseminação dos discursos particulares, como, por exemplo, o científico. Não havendo mais um discurso universal, diferentes significações começam a aparecer, produtos das subjetividades. Cf. LYOTARD, J. F. *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: Dom Quixote, 1993; e *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.

tecnologia dos meios de comunicação generalizada que possibilita a troca constante de informações, a expressão de pensamentos e pontos de vista diferentes e o livre debate.

A era pós-moderna ou da secularização é, ainda, a época do pensamento despotencializado, aquilo que Vattimo nomeia como *pensiero debole*. O pensamento fraco é a negação de toda e qualquer metafísica, ou seja, o abandono pela procura do fundamento último, pelo questionamento sobre os limites, as possibilidades e a validade do conhecimento, pela consideração do diferente e das particularidades, não no sentido de uma tentativa de homogeneização, mas de compreender o objeto na forma em que ele mesmo se apresenta com seus componentes diversos. Também é marca desse pensamento a valorização pelo contingente, o eventual, a construção de sentidos que resulta dos diferentes círculos de vivência, nos quais a linguagem figura como categoria principal, já que proporciona uma experiência do ser como fruto do simbólico, isto é, construído pelo discurso. Numa palavra, a filosofia pós-metafísica, para Vattimo, é uma *ontologia hermenêutica*, ou seja, uma interpretação dos fenômenos historicamente e situacionalmente compostos.

O pensamento pós-moderno e a religião

Um dos marcos da filosofia moderna foi a ocorrência, através da elevação do pensamento como potência superior, do movimento de supressão das concepções defendidas pela tradição medieval. Após esse primeiro rompimento, no fim da modernidade aconteceu uma cisão mais radical com o pensamento metafísico, observada nas críticas de Feuerbach, Marx e Nietzsche, por exemplo. Poderíamos supor que esse processo de desconstrução da metafísica põe em dificuldade a religião, já que edificada com base nos conceitos fundamentais daquela. No entanto, é possível afirmar que com o processo de enfraquecimento do paradigma moderno da razão suficiente não é mais legítima uma interdição à experiência religiosa. Na pós-modernidade, o discurso religioso, para Vattimo, apresenta-se como mais um dentre tantos, que poderiam receber contributos decorrentes da adesão ao método filosófico da interpretação. Porém, Vattimo visualiza um problema no que se refere à adequação da postura de algumas confissões religiosas com os novos direcionamentos tomados pelo pensamento pós-metafísico.

Vattimo procura demonstrar que a religião, sobretudo a cristã, não acompanhou os desdobramentos do pensamento pós-moderno, mas conservou um discurso forte e tenta mantê-lo nos dias atuais ante todo o contexto, teórico e prático, construído nessa nova era, na qual o fundamentalismo e as posições fechadas perdem sua força legitimante a cada dia. O pensador italiano salienta que a religião “enquanto permanecer prisioneira da rede de sua “metafísica natural” e de seu literalismo” (VATTIMO, 2006, p. 69) não conseguirá manter um diálogo livre e fraternal entre as diferentes crenças e tampouco com os que não possuem alguma confissão religiosa. Logo, é nessa incompatibilidade entre as bases do pensamento religioso e do pensamento secular que se localiza, para o pensador italiano, o problema da legitimidade da experiência religiosa na contemporaneidade.

Em *A Idade da Interpretação* Vattimo comenta que a religião cristã, particularmente a de confissão católica, não rompeu com a metafísica, mas, ao contrário, sustenta a ideia de fundamentação última e do discurso totalizante, assumindo assim uma posição oposta a todo o movimento inaugurado pelas concepções pós-modernas. Na concepção cristã é possível identificar que em suas bases prevalece a ideia de verdade objetiva, de um absoluto como fundamento de tudo e de uma explicação que abarca a totalidade. Estas ideias são continuamente reforçadas nos estatutos e doutrinas que orientam toda a vida dos fiéis de confissão cristã.

Vattimo chega a afirmar que esse posicionamento contraria a própria mensagem evangélica, que, para ele, é totalmente desinteressada de um ideal de verdade objetiva. Por conseguinte, o sentido original do cristianismo “é justamente, antes de tudo, aquele de

dissolver as pretensões peremptórias da ‘realidade’” (VATTIMO, 2006, p. 70). Sendo assim, as igrejas estariam contrariando a real mensagem evangélica.

Para Vattimo, a vida de Cristo, e, sobretudo, a sua morte, aludem ao movimento de dissolução da metafísica, pois um Deus que se entrega à morte na cruz personifica a mensagem da dissolução da autoridade do saber objetivo, do dogmatismo, do discurso forte. Dai o porquê da afirmação vattimiana de que “não é absurdo sustentar que a morte de Deus anunciada por Nietzsche é, em muitos sentidos, a morte de Cristo na cruz narrada pelos evangelhos” (VATTIMO, 2006, p. 66).

Nesse sentido, Vattimo defende a renúncia da religião à sua pretensão de verdade objetiva, ao seu discurso forte, ao dogmatismo e à inadmissão da pluralidade de discursos. Para isso é necessário, antes de tudo, reconhecer que a verdade da mensagem cristã é a desconstrução de toda pretensão de verdade absoluta. Para o pensador italiano essa mensagem evangélica apresenta uma única verdade, que é a prática do amor e da caridade.

A verdade que, segundo Jesus, nos tornará livres não é a verdade objetiva das ciências e nem mesmo a verdade da teologia: assim como não é um livro de cosmologia, a Bíblia também não é um manual de antropologia ou de teologia. A revelação escritural não é feita para nos fazer saber como somos, como Deus é, quais são as “naturezas” das coisas ou as leis da geometria – e para salvar-nos, assim, por meio do “conhecimento” da verdade. A única verdade que as escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é um enunciado experimental, lógico, metafísico, mas sim um apelo prático – é a verdade do amor, da *caritas* (VATTIMO, 2006, p. 71).

A verdade da mensagem cristã, como salienta Vattimo, não é mais uma verdade fundamental, mas a experiência da prática do amor caridade, isto é, da comunhão fraterna entre os indivíduos que se reconhecem como seres em igual dignidade e cuja meta maior é a construção de uma vivência plena. Tudo isso pressupõe a negação do dogmatismo e do horizonte fechado do cristianismo tradicional e a abertura ao diálogo com os outros discursos e ao respeito para com os diferentes posicionamentos.

O abandono dos fundamentalismos amenizaria os conflitos não somente entre religiosos e seculares, mas também entre religiões e igrejas. Com isso, as diferentes crenças não devem impor resistência ao ecumenismo, mas devem romper as fronteiras reconhecendo que uma interação harmônica é a principal meta a ser atingida num mundo múltiplo, no qual qualquer resposta pronta é incapaz de dar conta de toda a complexidade da existência. Isso conduziria o ser humano ao despertar para o exercício da responsabilidade, não mais em relação a Deus, mas em relação a si mesmo e aos seus semelhantes, como regra essencial para a sociabilidade.

Considerações finais

Através deste estudo podemos perceber que as reflexões de Vattimo compreendem uma importante contribuição no debate acerca da relação entre o fenômeno religioso e o pensamento pós-moderno. É importante ressaltar que suas ideias abrangem também o campo ético e político. O fenômeno religioso integra a dimensão social e, por isso, não pode passar despercebido na reflexão ética, sobretudo pelo fato das implicações da prática religiosa na conjuntura da sociabilidade. No pensamento de Vattimo é possível identificar uma preocupação nesse sentido, principalmente nas menções sobre a relação entre a experiência religiosa e as novas dimensões da vida prática que resultam das mudanças no campo da vida teórica, isto é, no âmbito das ideias.

Neste trabalho procuramos mostrar a argumentação do pensador italiano no sentido de evidenciar que, independente a toda a estrutura religiosa predominante na cultura da civilização ocidental, ocorre um processo de mudança radical no pensamento, explicitado no rompimento com a metafísica e no movimento de secularização. Essa mudança no modo de pensar tem, naturalmente, implicação no campo prático ao ponto de gerar um contexto social completamente novo com circunstâncias e problemas que são próprios dessa condição atual.

Em resposta a esse contexto, Vattimo elege a interpretação como o paradigma filosófico mais adequado, pois se a filosofia do fundamento último, dos princípios fundamentais e das verdades universais encontra-se em via de superação, o que resta ao homem pós-moderno é, justamente, conceber a verdade como aquilo que se apresenta eventual e contingente.

É necessário também repensar a religião neste contexto pós-moderno. Para Vattimo, as diferentes confissões não devem se definir como portadoras da verdade última, mas, pautadas nos princípios do amor e da caridade, devem se reconhecer como mais um posicionamento dentre tantos que emergem da liberdade de reflexão e debate no âmbito intersubjetivo. Com isso, estariam apropriadas para o diálogo não somente com os descrentes, mas, igualmente, com os de confissões diversas.

A implicação ética que podemos destacar no pensamento de Vattimo resulta justamente do aspecto da relação intersubjetiva. Ao elevar a questão do convívio pacífico entre os diferentes como um dos elementos principais que deve figurar entre os objetivos do homem contemporâneo, o autor nos mostra que, antes de tudo, toda confissão religiosa deve admitir tal elemento como preceito básico de sua prática dentro de uma determinada comunidade. A instauração de uma relação de respeito e cooperação entre os diferentes é condição fundamental para a harmonia da sociabilidade na era pós-moderna e, sem dúvida, uma contribuição importante para a efetivação de uma existência plena.

Referências

- LYOTARD, J. F. *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- _____. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2009.
- NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- VATTIMO, Gianni. A idade da interpretação. In: RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: solidariedade, caridade, ironia*. Organização Santiago Zabala. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- _____. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'água, 1992.
- _____. *O fim da modernidade: hermenêutica e niilismo na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ZABALA, Santiago. Uma religião sem teístas e ateístas. In: RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni. *O futuro da religião: solidariedade, caridade, ironia*. Organização Santiago Zabala. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

Texto recebido em: 28/4/2013
Aceito para publicação em: 2/7/2013